

Erich Auerbach

Coleção Espírito Crítico

Conselho editorial:

Alfredo Bosi

Antonio Candido

Augusto Massi

Davi Arrigucci Jr.

Flora Süssekind

Gilda de Mello e Souza

Roberto Schwarz

ENSAIOS DE
LITERATURA OCIDENTAL

Filologia e crítica

Organização

Davi Arrigucci Jr. e Samuel Tiham Jr.

Tradução

Samuel Tiham Jr. e José Marcos Marini de Macedo

 Livraria
Duas Cidades

editora  34

Filologia da literatura mundial

“Nonnulla pars inventionis est nosse quid quaeratur.”

Santo Agostinho, *Questiones in Heptateuchum*, Proêmio

Já é tempo de nos perguntarmos sobre qual significado pode conservar o termo “literatura mundial” [*Weltliteratur*], em seu sentido goethiano, quando referido ao presente e ao futuro provável. Nossa Terra, que constitui todo o universo da literatura mundial, torna-se a cada dia menor e mais pobre em diversidade. Ora, a literatura mundial não se refere simplesmente aos traços comuns da humanidade, e sim a esta enquanto fecundação recíproca de elementos diversos. Seu pressuposto é a *felix culpa* da dispersão do gênero humano numa variedade de culturas. E o que acontece hoje, o que se está preparando? Por mil razões, conhecidas por todos, a vida humana uniformiza-se em todo o planeta. O processo de nivelamento, originário da Europa, estende-se cada vez mais e soterra todas as tradições locais. É certo que, por toda parte, o sentimento nacional é mais forte e mais barulhento do que nunca, mas em toda parte ele toma a mesma direção, isto é, rumo às modernas formas de vida; e já é claro para o observador imparcial que os fundamentos intrínsecos da existência nacional estão se dissolvendo. As culturas européias ou fundadas por europeus, acostumadas a um longo e frutífero intercâmbio entre si, e além disso apoiadas pela consciência de seu próprio valor e modernidade, são as que melhor preservam a

autonomia, ainda que também aqui o processo de nivelamento progrida muito mais rapidamente do que antes. Mas a estandarização — seja conforme o modelo europeu-americano, seja conforme o russo-bolchevista — espalha-se sobre tudo; e, não importa quão diferentes sejam os modelos, suas diferenças são relativamente pequenas se os compararmos com os antigos substratos — por exemplo, com as tradições islâmica, hindu ou chinesa. Se a humanidade conseguir escapar ilesa aos abalos que ocasiona um processo de concentração tão violento, tão vigorosamente rápido e tão mal preparado, então teremos que nos acostumar com a idéia de que, numa Terra uniformemente organizada, sobreviverá uma só cultura literária, e que dentro em breve permanecerá vivas somente umas poucas linguas literárias (e talvez logo apenas uma). E assim a noção de literatura mundial seria simultaneamente realizada e destruída.

Se não me engano, essa situação é, por seu caráter inclutável e pela pressão dos movimentos de massa, bem pouco goethiana. Goethe preferia afastar tais pensamentos; por vezes ocorriam-lhe idéias que apontavam nessa direção, mas não mais do que isso, pois ele não poderia imaginar que a coisa que lhe era mais desagradável pudesse realizar-se de modo tão rápido e inesperadamente radical. Como foi breve a época a que ele pertenceu e a que os mais velhos dentre nós ainda puderam assistir em sua fase final! Passaram-se aproximadamente cinco séculos desde que as literaturas nacionais européias conquistaram consciência de si e preeminência sobre o latim, e pouco mais de dois séculos desde o despertar de uma mentalidade histórico-perspectivística, que permitiu a criação de um conceito como o de literatura mundial. O próprio Goethe, morto há 120 anos [1832], contribuiu decisivamente, com seus esforços e seu estímulo, para a formação dessa mentalidade histórico-perspectivística e para a pesquisa filológica subsequente. E já podemos ver o surgimento

de um mundo onde essa mentalidade não poderá mais ter grande significado prático.

A época do humanismo goethiano foi breve, mas aí realizou-se ou deu-se início a muita coisa ainda hoje em curso, e mesmo em expansão e ramificação crescentes. No fim de sua vida, Goethe tinha à sua disposição um material literário mundial muito mais rico em comparação ao que se conhecia à época de seu nascimento — e muito menor do que nosso patrimônio atual. Esse patrimônio, nós o devemos ao impulso do humanismo histórico daquela época; e não se trata aqui apenas da descoberta de novos materiais ou do desenvolvimento de métodos de pesquisa, mas, além disso, de sua difusão e utilização com vistas a uma história imanente da humanidade, a uma noção unitária do homem em meio a toda sua multiplicidade. Foi esse, desde Vico e Herder, o verdadeiro objetivo da filologia, e foi esse objetivo que lhe conferiu seu lugar de liderança: ela atraiu para si a história das artes, a história religiosa, jurídica e política, associando-se a elas a partir de princípios sistemáticos e do estabelecimento de metas comuns. Não é preciso evocar os resultados obtidos, tanto no campo da pesquisa como no da síntese.

Pode haver algum sentido em prosseguir nessa atividade, sob condições e perspectivas completamente alteradas? O simples fato de que ainda seja praticada, e mesmo que continue a se expandir, não diz muita coisa. Tudo o que se transforma em hábito ou instituição é capaz de persistir por muito tempo, até porque mesmo aqueles indivíduos que se dão conta de uma substancial alteração dos pressupostos gerais da vida e a compreendem em seu significado completo não estão necessariamente prontos ou em condições de extrair as consequências práticas dessa sua consciência. Mas, tendo em mente a paixão que, agora como no passado, leva um grupo pequeno mas seleto de jovens à atividade filológica, podemos conceber a esperança de que seu instinto

não os tenha traído, de que essa atividade ainda hoje tenha sentido e futuro.

O estudo da realidade mundial por meio de métodos científicos preenche e domina nossas vidas; por assim dizer, é este o nosso mito, uma vez que não temos nenhum outro dotado de valor geral. Dentre os aspectos da realidade, a História é aquele que nos atinge mais de perto, que nos interessa mais profundamente e que com mais eficácia nos leva a uma consciência de nós mesmos. Pois é ela o único objeto em que os homens se apresentam a nós por inteiro, entendendo-se por objeto da História não apenas o passado, mas o progresso dos acontecimentos em geral, incluindo-se assim o presente vivido. A história imamente dos últimos milênios, da qual se ocupa a filologia enquanto disciplina histórica, é a história da conquista da auto-expressão humana. Ela abrange os documentos do avanço violento e aventureiro dos homens rumo à consciência de sua condição e à realização de suas possibilidades intrínsecas — um avanço cuja meta permaneceu por muito tempo obscura (e que decerto ainda se apresenta de modo fragmentário) e cujo curso, a despeito de seus meandros intrincados, parece ter seguido algo assim como um plano. Está contida aí toda a variedade de extremos de que é capaz nosso ser; desenrola-se aí um espetáculo de tal riqueza e profundidade que não pode deixar de pôr em ação todas as energias do espectador, ao mesmo tempo em que o torna capaz, por meio do enriquecimento conquistado, de alcançar alguma paz no âmbito do que lhe é dado. Perder a visão desse espetáculo — que precisa ser exposto e interpretado para que possa vir à luz — seria um empobrecimento que coisa alguma poderia compensar. É verdade que só sentiriam essa perda aqueles que não a sofreram de todo; mas esta consideração não deve nos impedir de fazer tudo o que estiver a nosso alcance para que tal perda não se dê. Se as perspectivas futuras com que comecei são em alguma me-

da justificadas, então é de fato urgente a tarefa de recolher o material e organizá-lo de modo coerente. Pois justamente nós estamos em condições de realizar a tarefa, não apenas por dispormos de tanto material, mas sobretudo por termos herdado a mentalidade histórico-perspectivística necessária para tanto: ainda a possuímos, uma vez que vivemos em meio à experiência da variedade histórica, sem a qual temo que essa mentalidade logo perderia sua concrectude e sua vida. Segundo me parece, estamos vivendo uma *kairós* da historiografia interpretativa, e não sabemos quantas gerações mais a praticarão. Já agora somos ameaçados pelo empobrecimento ligado a uma formação cultural a-histórica, que não apenas já existe como procura a cada dia afirmar seu domínio. Aquilo que somos, nós o somos por nossa história, e só dentro desta poderemos conservar e desenvolver nosso ser; tornar isso claro, de modo penetrante e indelével, é a tarefa da filologia do nosso tempo. No romance *Nachsommer*, ao fim do capítulo "A aproximação", o escritor austríaco Adalbert Stifter faz um de seus personagens pronunciar a seguinte frase: "Seria muito desejável que, depois do fim da humanidade, fosse dado a um espírito reunir e contemplar toda a arte do gênero humano, desde as suas origens até o seu desaparecimento". Stifter pensa aqui apenas nas artes plásticas, e creio que ainda não se pode falar de um fim da humanidade. Mas parecemos ter atingido um ponto de conclusão e virada que oferece ao mesmo tempo possibilidades inéditas para uma visão de conjunto.

Esta concepção de literatura mundial e de sua filologia parece menos ativa, menos prática e menos política do que a de outrora. Não se fala mais de intercâmbio espiritual, de enobrecimento dos costumes e de concórdia entre os povos. Essas metas revelaram-se inalcançáveis ou então já foram superadas pelo desenvolvimento histórico. Alguns indivíduos de destaque, assim como pequenos grupos particularmente cultivados, pude-

ram gozar do intercâmbio dos bens culturais organizado dentro desse espírito, intercâmbio esse que foi praticado — e se vem praticando — em larga escala. Mas essa espécie de aproximação tem pouca influência sobre os costumes e sobre a concórdia em geral; seus resultados pulverizam-se instantaneamente em face da tempestade das divergências de interesses e da propaganda que as acompanha. O intercâmbio só é efetivo quando o desenvolvimento político por si só já levou à aproximação e ao agrupamento: então sua influência se exerce no interior do grupo, accelera a assimilação e a compreensão, e serve assim aos objetivos comuns. De resto, como já se afirmou no início, a assimilação das culturas já foi muito além do que poderia agrandar a um humanista de feição goethiana, sem que se veja qualquer perspectiva razoável de resolver, por outro meio que não uma prova de força, as divergências ainda existentes. Não se pode esperar da concepção de literatura mundial defendida aqui — enquanto pano de fundo variado para um destino comum — que ela possa influenciar o que já está em curso (ainda que não com o rumo esperado); ela toma a estandardização da cultura mundial como inescapável. Aos povos que se encontram no estágio final de uma multiplicidade frutífera, ela pode oferecer a definição precisa e a preservação da consciência de seu desenvolvimento conjunto e fardico, que se torna assim um patrimônio mítico; desse modo, evitaríamos que se atrofiassem nesses povos a riqueza e a profundidade do movimento cultural dos últimos milênios. Quanto aos resultados a longo prazo de um esforço dessa ordem, não é possível sequer especular de modo frutífero: a nós cabe apenas tornar possíveis quaisquer resultados futuros; mas podemos ao menos afirmar que, para a época de transição em que nos encontramos, os resultados podem ser significativos; eles podem contribuir para que compreendamos mais serenamente o que nos acontece e para que não odíamos tão insensatamente nossos ad-

versários, mesmo que seja nosso dever combatê-los. Assim, nossa concepção de literatura mundial e de sua filologia não é menos humana, nem tampouco menos humanista do que a anterior; de maneira análoga, a concepção de história que lhe é subjacente difere da antiga, ao mesmo tempo em que surge desta e é impensável sem ela.

Afirmou-se mais acima que somos em princípio capazes de realizar a tarefa de uma filologia da literatura mundial, visto que dispomos de um material infindável e em contínuo crescimento, visto que possuímos a mentalidade histórico-pespectivística herdada do historicismo da época de Goethe. Mas, por esperancosa que pareça nossa situação em suas linhas gerais, são grandes as dificuldades práticas e de detalhe. A fim de realizar as tarefas de compreensão e exposição, é necessário que ao menos alguns indivíduos dominem, por experiência e pesquisa próprias, o conjunto ou boa parte da literatura mundial. Ora, em consequência da abundância de material, de métodos e de pontos de vista, isso tornou-se quase impossível. Possuímos material de seis milênios, de todas as partes da Terra, e em aproximadamente cinquenta línguas literárias. Muitas das culturas de que hoje temos notícia eram ainda desconhecidas há cem anos, e de outras conhecia-se apenas uma ínfima parte das fontes hoje disponíveis. Mesmo sobre as épocas com as quais nos ocupamos há séculos descobriu-se tanta coisa de novo que nossas concepções a respeito alteraram-se fortemente, ao mesmo passo em que surgiam novos problemas. Acrescente-se a isso que já não é possível ocupar-se exclusivamente com a literatura de um período cultural: há que estudar as condições sob as quais ela se desenvolveu, há que levar em conta as condições religiosas, filosóficas, políticas e econômicas, as artes plásticas e mesmo a música, e há, assim, que acompanhar os resultados da constante pesquisa especializada em cada uma dessas áreas. A abundância de material conduz sem-

pre a uma especialização cada vez maior; surgem métodos específicos de pesquisa, de modo que, em cada área de especialização (e mesmo para cada corrente de pensamento dentro delas), forma-se uma espécie de linguagem secreta. E não é tudo: penetram na filologia conceitos e métodos provenientes de ciências e correntes não-filológicas — da sociologia, da psicologia, de várias correntes filosóficas e do âmbito da crítica literária contemporânea. Tudo isso deve ser levado em consideração, ainda que fosse apenas para poder pronunciar-se, com a consciência tranqüila, a respeito da eventual inutilidade de um dado método para fins filológicos. Quem não se limita coerentemente a um campo restrito e ao universo conceitual de um pequeno círculo de colegas vive num turbilhão de exigências e perspectivas a que é quase impossível atender. E, todavia, a especialização em um só campo é cada vez mais insatisfatória: por exemplo, quem hoje quisesse ser um provençalista e só se ocupasse com os setores correspondentes da lingüística, da paleografia e da história não seria um bom provençalista. Por outro lado, há campos que se ramificaram de tal maneira que se exige uma vida inteira para dominá-los: por exemplo, Dante (que de resto não se pode definir como um campo de especialização, uma vez que seu estudo irradia em todas as direções); ou ainda o romance celta e seus três grupos de problemas (o amor cortês, a matéria celta e o Graal): quantos homens dominarão o conjunto do material desse campo específico, com todas as suas ramificações e direções de pesquisa? Como é possível, em tais circunstâncias, pensar numa filologia sintético-científica da literatura mundial?

Ainda existem pessoas que, ao menos no tocante à Europa, dominam o conjunto do material; mas todas elas pertencem, tanto quanto sei, à geração que cresceu antes da guerra. Será difícil substituí-la, pois, nesse ínterim, a cultura humanística tardoburguesa, que incluía o ensino do grego, do latim e da Bíblia,

desmoronou por quase toda parte; se estou autorizado a extrair conclusões de minhas experiências na Turquia, algo de semelhante está ocorrendo em outros países de civilização antiga. O que antigamente se tomava como dado quando do ingresso na universidade (ou, nos países anglo-saxões, nos *graduate studies*) tornou-se hoje matéria universitária, e nem sempre suficientemente aprendida. Além disso, dentro da própria universidade ou das *graduate schools*, deslocou-se a ênfase: ensina-se muito mais literatura moderna e crítica moderníssima, e privilegiam-se, dentre os períodos literários do passado, aqueles que foram redescobertos há pouco (como o Barroco) e que encontram lugar junto às modernas palavras de ordem literárias. É bem verdade que devemos partir da mentalidade e da situação de nosso tempo para compreender o conjunto da história, se quisermos torná-la significativa para nós; mas um estudante dotado já está por si só imbuído do espírito de sua época, e, segundo me parece, não deveria ter necessidade de um professor universitário para aproximar-se de Rilke, Gide ou Yeats. Mas ele certamente necessitará de um professor para compreender as formas lingüísticas e as condições de vida da Antiguidade, da Idade Média ou do Renascimento, bem como para conhecer os métodos e instrumentos de pesquisa. A problemática e as categorias de classificação da crítica literária contemporânea são sempre significativas como expressão das necessidades do tempo e, além disso, muitas vezes inteligentes e iluminadoras. Mas poucas dentre elas são imediatamente utilizáveis no campo histórico-filológico, nem mesmo em substituição aos conceitos tradicionais. A maioria delas é demasiado abstrata e imprecisa, e por vezes formulada de modo excessivamente pessoal, fortalecendo a tendência a que muitos principiantes (mas não apenas estes) estão inclinados a ceder: a tentativa de controlar a abundância de material por meio da introdução hipostasiante de categorias de classificação abstratas,

coisa que leva ao apagamento do objeto, à discussão de pseudo-problemas e ao nada absoluto.

Mas, por incômodos que sejam, não são esses os fenômenos que me parecem realmente perigosos — ao menos não para os verdadeiramente talentosos e empenhados. Já há quem consiga reunir os requisitos gerais indispensáveis à atividade histórico-filológica e manter a proporção justa de abertura e independência diante das correntes da moda. Sob muitos aspectos, estão em vantagem sobre seus semelhantes de décadas anteriores. Os acontecimentos dos últimos quarenta anos alargaram o campo de visão, revelaram novas perspectivas da história mundial, renovaram e enriqueceram nossa visão concreta da estrutura dos processos inter-humanos. O curso prático de história mundial em que temos tomado parte promoveu o desenvolvimento de uma percepção e uma compreensão históricas para além de tudo o que tínhamos antes, de tal modo que várias produções excelentes da filologia histórica da época tardo-burguesa parecem-nos hoje distantes da realidade e de formulação estreita. Nesse sentido, as coisas são mais fáceis hoje em dia.

Mas como resolver o problema da síntese? Uma única vida parece curta demais para sequer alcançar as condições preliminares. O trabalho em grupos organizados, tão útil para outros fins, não oferece aqui uma saída. A síntese histórica que temos em mente, apesar de só fazer sentido quando fundada sobre o entendimento científico do material, é um produto da intuição pessoal — logo, só podemos esperá-la de um indivíduo. Levada à perfeição, ela é simultaneamente um feito científico e uma obra de arte. Até mesmo a descoberta de um ponto de partida (volteremos a isto) é fruto de intuição; e a realização final é um processo criativo que deve ser unitário e sugestivo se quiser alcançar o que se espera dele. É certo que qualquer contribuição verdadeiramente significativa deve-se à intuição combinatória; no

caso da síntese histórica, acrescenta-se que suas produções mais elevadas, para serem efetivas, devem se apresentar ao leitor como obras de arte. Tornou-se difícil levantar a objeção tradicional de que a arte literária necessita de liberdade para procurar os objetos que lhe convêm, e portanto não pode ser constrangida pela fidelidade científica; os objetos históricos, tais como hoje se mostram, oferecem à imaginação suficiente liberdade de seleção, formulação, combinação e forma. Pode-se mesmo afirmar que a fidelidade científica constitui uma ótima limitação, na medida em que, ante a enorme tentação de fugir à realidade, seja por meio da banalização, seja por meio da distorção fantasmagórica, ela procura preservar e garantir a verossimilhança nos assuntos do mundo; pois o real é a medida do verossímil. Além disso, com nossa exigência de uma historiografia sintético-imanente como gênero literário, estamos nos movendo dentro da tradição curupéa; a historiografia antiga era um gênero literário, e a crítica histórico-filosófica fundada no Classicismo e no Romantismo alemães buscava expressão artística própria.

Somos, portanto, remetidos ao indivíduo; mas como pode este chegar à síntese? Seja como for, certamente não por meio da acumulação enciclopédica. Não há dúvida de que um horizonte mais amplo é necessário, mas ele deve ser alcançado precoce e não-intencionalmente, guiado apenas pelo instinto dos interesses pessoais. Mas, como mostra a experiência das últimas décadas, a acumulação de material, norreada pelo anseio de completude dentro de uma área determinada, tal como se encontra nos grandes manuais (por exemplo, sobre uma literatura nacional, de uma grande época ou de um gênero literário), dificilmente leva a uma atividade sintética criativa. Isso não está ligado apenas à abundância do material (que em certos casos dificilmente pode ser dominado por um indivíduo isolado, caso em que se recomenda o trabalho coletivo), mas à estrutura do próprio material.

As divisões tradicionais segundo critérios cronológicos, geográficos ou de gênero, por indispensáveis que sejam para a preparação do material, não se adaptam (ou não se adaptam mais) a um procedimento energeticamente unificador; as áreas cobertas por esses critérios não coincidem com os problemas que a síntese propõe. Chego mesmo a duvidar se monografias sobre figuras significativas isoladas, das quais já temos exemplares excelentes, ainda são adequadas para a espécie de síntese que se tem em mente aqui. É claro que a figura isolada oferece a unidade concreta de vida que, enquanto núcleo objetivo, é sempre preferível a qualquer abstração; mas ela é demasiado inflexível e excessivamente carregada da inelutabilidade a-histórica em que o fenômeno singular sempre redonda.

Entre as obras recentes que aplicam a visão histórico-sintética à literatura, o livro de Ernst-Robert Curtius sobre *Literatur europäa e Idade Média latina* é provavelmente a mais impressionante. Creio que deve seu êxito ao fato de, apesar do título, não partir de considerações amplas e gerais, mas sim de um único fenômeno bem delimitado e quase estreito: a sobrevivência da tradição retórica. É por isso que, em suas melhores partes, a obra consegue mobilizar massas enormes de material sem cair na mera acumulação, antes promovendo uma irradiação a partir de poucos exemplos. Seu objeto de ordem mais geral é a sobrevivência da Antiguidade através da Idade Média e sua influência, por meio de suas formas medievais, sobre a literatura européia moderna. Não se faz grande coisa com um objetivo tão geral; o pesquisador que não tenha mais do que esse propósito encontra-se diante de uma quantidade imensurável de materiais heterogêneos e dificilmente organizáveis; se tentasse coligir o material a partir de critérios mecânicos (por exemplo, o destino de autores isolados ou o destino do conjunto da Antiguidade ao longo de todos os séculos de história medieval), a própria am-

plitude do material impediria a realização do objetivo sintético. Somente a descoberta de um fenômeno simultaneamente bem delimitado, controlável e central (a saber, a tradição retórica e, especialmente, a tradição dos *topoi*) como ponto de partida possibilitou a realização do objetivo. Não cabe aqui perguntar se, neste caso, é inteiramente satisfatória a escolha do ponto de partida, ou se é ela a melhor que se poderia imaginar para o propósito dado; e mesmo quem considere insuficiente o ponto de partida escolhido não pode, por isso mesmo, deixar de admirar o resultado obtido. Este se deve ao princípio metodológico que reza assim: para atingir um grande objetivo sintético é necessário inicialmente encontrar um ponto de partida, um ponto de apoio que permita atacar o problema. Deve-se isolar um grupo bem delimitado e controlável de fenômenos, e a interpretação desses fenômenos deve ter força de irradiação suficiente para ordenar e interpretar um conjunto de fenômenos muito mais amplo do que o original.

O método é conhecido há muito tempo; a pesquisa estilística, por exemplo, vem se servindo dele para localizar em traços bem determinados o caráter peculiar a um estilo qualquer. Mas parece-me necessário ressaltar a significação desse método enquanto o único que nos permite apresentar, sobre um pano de fundo amplo e de modo sintético e sugestivo, processos significativos da história imamente da humanidade. Essa possibilidade se abre mesmo para o pesquisador jovem ou iniciante: conhecimentos gerais relativamente modestos, ajudados por algum aconselhamento especializado, podem ser suficientes, tão logo a investigação tenha encontrado um ponto de partida feliz. Ao longo do trabalho, o campo de visão alarga-se naturalmente conforme as necessidades, já que a escolha do material relevante é determinada pelo ponto de partida; esse alargamento tem caráter tão concreto, suas partes têm tal coerência interior, que os elementos

conquistados difficilmente se perdem depois, enquanto, em geral, o resultado final ganha unidade e universalidade.

É claro que na prática as coisas nem sempre progredem de um objetivo ou problema geral para a descoberta de um ponto de partida concreto. Por vezes occorre que se descubra um fenómeno inicial singular que permite por si só a compreensão e a formulação do problema geral — o que, entretanto, só pode ocorrer quando já existe alguma abertura prévia para o problema. Mas o essencial é comprehender que um objetivo geral de carácter sintético ou um problema geral não basta. É necessário um fenómeno não circunscrito, concreto e passível de ser descrito por técnicas filológicas quanto seja possível encontrar, a partir do qual os problemas se exibam e a execução se torne possível. É possível que, algumas vezes, um único fenómeno inicial não seja suficiente, e outros mais se façam necessários; mas, uma vez encontrado o primeiro, os outros se apresentarão mais facilmente, até porque esses outros devem ser de espécie tal que não somente se encaixem com os primeiros, mas também conviviam para a meta comum. Trata-se portanto de uma especialização que, sem seguir as divisões tradicionais da matéria, e sim o que convém ao objeto, deve por isso mesmo ser sempre reformulada.

Os pontos de partida podem ser muito diferentes entre si; seria impossível enumerar aqui todas as possibilidades. A peculiaridade do bom ponto de partida reside, por um lado, em sua concerteza e precisão e, por outro, em sua capacidade de irradiação. Ele pode estar na significação de um termo, numa fórmula retórica, num torneio sintático, na interpretação de uma frase ou numa série de declarações feitas em determinadas ocasiões; mas é necessário que tenha sempre uma capacidade de irradiação que o vincule à história mundial. Quem, por exemplo, quiser trabalhar sobre a posição do escritor no século XIX (seja num país de terminação ou na Europa inteira), tentando acumular todo o ma-

terial existente, produzirá talvez uma obra de referência valiosa — pelo que lhe podemos ser gratos, já que ela pode-se mostrar útil; mas o resultado sintético que estamos buscando seria mais facilmente atingível se se parisse de umas poucas declarações de certos autores sobre o público. O mesmo se dá com temas como a fortuna crítica (*la fortuna*) de certos poetas. Obras de amplitude sobre o destino de Dante nos vários países (como já existem) são certamente indispensáveis; mas talvez chegássemos a algo de mais interessante se — como me sugeriu Erwin Panofsky — acompanhássemos a interpretação de determinadas passagens da *Comédia*, por exemplo, desde os primeiros comentaristas até o século XVI e, depois, a partir do Romantismo. Essa seria uma maneira precisa de praticar a história das idéias.

Um bom ponto de partida deve ser preciso e concreto; categorias de classificação e conceitos definitórios abstratos não se prestam a tanto, o que vale para "barroco" ou "romantismo", "dramaticidade" ou "fatalismo", "intensidade" ou "mito"; até mesmo "conceito de época" e "perspectivismo" são arriscados. Tais termos podem até figurar na exposição, sempre que o contexto torne claro o que se quer dizer; mas, enquanto ponto de partida, são todos demasiado imprecisos para designar algo de preciso e palpável. O ponto de partida não deve ser qualquer coisa de ordem geral que se aproxime de fora ao objeto, ele deve nascer deste último, deve ser um elemento do próprio objeto. Há que fazer falar as coisas, o que não será possível se o ponto de partida não for desde sempre concreto e bem delimitado. De qualquer modo, mesmo com o melhor dos pontos de partida é necessária muita arte para ater-se sempre ao objeto. Por toda parte espreitam conceitos já cunhados, mas poucas vezes adequados, apesar de freqüentemente sedutores por seu tom e pela orientação da moda, sempre prontos a se lançarem sobre o autor, tão logo este se veja abandonado pela força de seu objeto.

Dá que por vezes os autores, e freqüentemente os leitores, sejam induzidos a substituir o objeto por um clichê que se lhe assemelhe; muitos leitores são inclinados a tais substituições, e deve-se fazer tudo para evitar que o sentido preciso lhes escape. Os fenômenos com que lida a filologia sintética contêm em si mesmos sua objectividade, que não deve se perder por obra da síntese — e consegui-lo é tarefa difícil. É claro que não se procura aqui reproduzir o desfrute que o próprio objeto proporciona e que se basta a si mesmo, mas tão-somente a apreensão do movimento do todo; este, por sua vez, só pode ser percebido limpidamente quando todos os seus membros tiverem sido captados em sua peculiaridade.

Até onde sei, não possuímos ainda nenhuma tentativa de uma filologia sintética da literatura mundial, a não ser por algumas tentativas nesse sentido no âmbito da cultura ocidental. Mas, quanto mais a Terra se uniformiza, tanto mais deverá se ampliar a actividade sintético-perspectivística. Tornar os homens conscientes de si em sua própria história é uma grande tarefa — e entretanto bem pequena, se pensarmos que não estamos apenas na Terra, mas também no mundo, no universo. Mas o que outras épocas empreenderam, isto é, a determinação do lugar do homem no universo, parece-nos hoje distante.

De qualquer modo, nossa pátria filológica é a Terra — a nação já não pode sê-lo. É certo que a coisa mais preciosa e indispensável que o filólogo herda é a língua e a cultura de sua nação; mas é preciso afastar-se delas e superá-las para que se tornem eficazes. Temos de retornar, em circunstâncias diferentes, ao que a cultura pré-nacional da Idade Média já possuía: à consciência de que o espírito não é nacional. *Pauvertas e terra aliena*, como se lê, com algumas diferenças, em Bernardo de Chartres, João de Salisbury, João de Meun e muitos outros. Como escreve Hugo de São Vítor (*Didascalicon*, III, 20):

Magnum virtutis principium est, ut discat paulatim exercitatus animus visibilia haec et transitoria primum commutare, ut postmodum possit etiam devehnere. Delicatus ille est adhuc cui patria dulcis est, fortis autem cui omne solum patria est, perfectus vero cui mundus totus exilium est...

[O grande principio da virtude é que o espírito, exercitado paulatinamente, aprenda primeiro a transformar estas coisas visíveis e transiórias, para que em seguida possa mesmo abandoná-las. Delicado é aquele para quem a pátria é doce. Bravo, aquele para quem a pátria é tudo. Mas perfeito é aquele para quem o mundo inteiro é exílio...]

Hugo dirigia-se aos que buscavam a libertação do amor às coisas terrenas. Mas esse é um bom caminho também para aqueles que queiram conceber o devido amor ao mundo.